

## **Nietzsche, filósofo da suspeita**

*Nietzsche, philosopher of suspicion*

André Martins\*

Data de recebimento: 08/12/2010

Data de aprovação: 20/12/2010

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010, 126 p.

Desde que publicou seu primeiro livro, *O Nascimento da tragédia*, e ao longo de sua vida, Nietzsche foi mal interpretado. Após sua morte, sua filosofia foi ainda mais posta sob suspeita, torcida e distorcida, mas também, por outro lado, louvada e adorada. Sobretudo, ela foi utilizada para os fins mais diversos e antagônicos. Amada ou odiada, venerada ou combatida, mas muito raramente compreendida, o que a polêmica filosofia deste filósofo alemão que criticava a cultura alemã não suscitou foi a indiferença. Isso porque suas idéias criticam de maneira contundente – a golpes de martelo ou como dinamite, tal como o próprio Nietzsche descrevera – os pilares da cultura ocidental e das crenças que em geral, em sua época e na nossa, estruturam a vida social.

O livro de Scarlett Marton, professora titular da USP, *Nietzsche, filósofo da suspeita*, analisa as quatro principais acusações feitas ao filósofo ao longo do século XX. A saber: que ele não seria um filósofo – há que se observar que as faculdades de Filosofia no exterior e no Brasil demoraram a aceitá-lo como tal e ainda hoje vige um sintomático preconceito de alguns a este respeito –, mas sim apenas um escritor, um poeta, um louco, cuja filosofia seria inaceitavelmente assistemática e contraditória; que sua filosofia seria precursora do nazismo; que Nietzsche seria um irracionalista e um niilista. O livro analisa ainda o estilo provocador de Nietzsche, e a relação desta forma de expressão com a própria filosofia que é assim apresentada.

*Nietzsche, filósofo da suspeita* configura-se, assim, como um instrumento de combate, ao esclarecer pontos pelos quais a filosofia de Nietzsche sempre foi atacada, difamada, caluniada – porque mal compreendida. Como livro de introdução ao pensamento de Nietzsche, é através da análise de sua recepção e pela defesa do estudo de seu texto que Marton apresenta os princípios fundamentais de sua filosofia – notadamente uma bela exposição de sua interpretação acerca da vontade de potência e da teoria nietzschiana das forças. Trata-se, contudo, também de um livro para iniciados

---

\* Professor Associado da UFRJ, vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ, Rio de Janeiro. RJ, Brasil. Contato: [andre.mar@terra.com.br](mailto:andre.mar@terra.com.br)

– estudantes e pesquisadores de Nietzsche –, uma vez que se posiciona ativamente dentro do debate atual da pesquisa sobre Nietzsche, assumindo posições interpretativas, esclarecendo e inserindo-se na *Nietzsche Forschung* internacional.

É, ainda, um livro ao mesmo tempo imparcial e autoral – como um bom comentário deve ser. Pois não há interpretação neutra, de modo que as melhores interpretações são aquelas em que se consegue conjugar imparcialidade com perspectiva, isto é, cujas posições assumidas são originais, porém sustentadas pela letra e pelo contexto do próprio texto da obra analisada.

Scarlett Marton põe em suspeita os clichês que se formaram ao longo de mais de um século de recepção da obra de Nietzsche. Com frequência se diz que a filosofia de Nietzsche é, simplesmente, contraditória. De fato, quando se lê seu texto desavisadamente, depara-se com afirmações contraditórias. Ocorre, contudo, que Nietzsche não busca ser facilmente compreendido; ao contrário, busca leitores que se dêem ao trabalho de entendê-lo na singularidade de sua escrita e de suas idéias. Mais do que despistar leitores incautos, porém, seu estilo busca formar os leitores em sua maneira de argumentação perspectiva: Nietzsche busca estrategicamente multiplicar as perspectivas; desconstruir argumentos através de outros com os quais não necessariamente concorda, ou não sob certos aspectos; aliar-se a adversários para combater outros; mostrar os vários lados de uma questão; desmontar posições teóricas não com contra-argumentos teóricos, mas antes com vivências; assim como convencer não com estratégias puramente lógicas ou mesmo retóricas, mas chamando o leitor a suas próprias vivências do tema em questão.

Sim, é possível ler Nietzsche como quem lê uma poesia, deixar-se levar pela experiência estética da leitura, intuir significados, apreciar sensações e intensidades suscitadas. Certamente o próprio Nietzsche corroboraria uma leitura deste gênero. E durante muitas décadas assim se fez, muitas das vezes com competência, inventividade e pertinência. O importante é que se tenha clareza de que se está interpretando o texto para além dele. Foucault, Deleuze e Derrida, relembra Marton, foram sem dúvida os responsáveis pela legitimação de Nietzsche como filósofo, propondo um acordo entre a interpretação e a criação, mais do que uma valorização do comentário. Esta lucidez a respeito do uso mais ou menos livre que se faça de sua filosofia impede interpretações erradas, abusivas, que tiram do texto o que nele não há, isto é, que colocam no texto o que nele nunca se encontrou.

Porém, mesmo com este cuidado de não dizer em nome de Nietzsche o que jamais esteve em seu texto, ainda assim persiste um problema. Pois por mais criativo que seja o uso feito a partir de uma obra tão rica como a de Nietzsche, esta reapropriação tende a não explorar tudo que o texto original traz e permite pensar. Para explorar toda essa riqueza, para não reduzir suas contribuições a um pequeno número de idéias-chave, ou, pior ainda, a jargões, é preciso de algum modo passar-se pelo inevitável trabalho de exegese.

A recepção de Nietzsche no Brasil também conheceu todas as matizes. Considerado inicialmente um pensador anarquista; em seguida um pensador de direita; depois, de extrema-esquerda; um iconoclasta; um libertário. Nietzsche tornou-se pop, e célebre, antes que se conhecesse a densidade de sua reflexão.

Paradoxalmente, estes usos diversos e díspares atraíram a curiosidade sobre sua obra, e contribuíram para fazer de Nietzsche um autor respeitado e aceito no universo filosófico e acadêmico, mas geraram também várias interpretações equivocadas. Atualmente, a pesquisa sobre Nietzsche entende a importância – metodológica, se quisermos empregar este termo, entendendo que sua filosofia não é nem tampouco se restringe a uma metodologia – de se reconstituir seu pensamento, reinscrevê-lo em sua época, cotejá-lo com outras filosofias, analisar o texto, o contexto e o micro-contexto de cada passagem, a fim de melhor apreender a complexidade e a envergadura de suas idéias e de sua maneira peculiar de expressá-las.

O paradoxo de Nietzsche, que deve ser mantido por quem decide estudá-lo, é que a rigorosa exegese de seu texto se coaduna com a íntima convicção de que, nas palavras de Marton, “a filosofia não se identifica com um domínio específico do saber ou uma determinada área do conhecimento”, tampouco “com a arte de argumentar” ou “com uma reunião de idéias dogmáticas”. Conhecer Nietzsche implica no desafio de apreender a riqueza de sua contribuição ao mesmo tempo em que se leva a sério esta mesma contribuição no que a filosofia de Nietzsche se propõe a ser uma filosofia experimental, vivida, intensa, assistemática e criativa. E junto a isso, um pensamento coerente, de uma coerência que não se cola ao princípio de não-contradição em seu sentido formal, o que força o leitor a de fato entender o que está sendo dito. Neste mesmo sentido, Marton relembra ainda que Nietzsche não se limita a desconstruir os valores estabelecidos, mas se empenha na construção de uma nova visão de mundo, de uma nova maneira de valorar e de se afetar. Pensar com rigor, porém junto ao mundo, como parte da natureza e tomando parte na cultura, é o desafio que Nietzsche nos lega.

Em suma, para compreender bem Nietzsche, é preciso estudá-lo – ou ao menos contar com bússolas, propostas por aqueles que o estudaram, que permitam e convidem à boa leitura. *Nietzsche, filósofo da suspeita* é uma dessas boas bússolas. Com ele, Scarlett Marton oferece para os leitores brasileiros uma síntese de seu próprio extenso e respeitado trabalho interpretativo, reconhecido nacional e internacionalmente, em um maduro livro de iniciação – não somente uma iniciação e um convite ao pensamento, como também e sobretudo à leitura deste filósofo que tanto influenciou a cultura dita ocidental.